

A LITERATURA COMO MEIO DE REAFIRMAR A RESISTÊNCIA INDÍGENA

Francineide dos Anjos Teixeira ¹

INTRODUÇÃO

O trabalho com a literatura indigenista se baseia na leitura da obra do escritor amazonense Márcio Souza, autor da obra *Ajuricaba: O caudilho das selvas*, foi desenvolvido em uma escola pública do município de Parintins/AM e teve parceria com o PIBID Letras da Universidade do Estado de Amazonas/CESP.

A fim de que os alunos das turmas de 9º anos tivessem contato com a literatura do amazonense, além de conhecerem um pouco da história da personagem indígena Ajuricaba. O guerreiro liderou muitos conflitos juntamente com os povos indígenas do Rio Negro contra os colonialistas portugueses, período em que o Rio Negro pertencia a comarca da província do Grão-Pará, pois toda a narrativa é voltada para fatos que ocorreram na terceira década do século XVIII na região amazônica.

A metodologia se baseou em estratégias de leitura e de letramento literário de Cosson (2006); Solé (1998) e Pinto (2011). A sequência didática culminou com a produção de poemas de releitura da obra de Márcio Souza, os quais foram declamados em um Sarau durante a Semana de Letras na Universidade do Estado do Amazonas.

O trabalho com a leitura permitiu que a diversidade cultural fosse discutida por leitores dos 9º anos, enfatizando a literatura de um povo que resistiu contra a opressão. Ao promover a liberdade e igualdade de expressão, o processo de cidadania, que consequentemente, proporciona o distanciamento de pré-julgamentos inerentes na sociedade, os quais se baseiam em visões estereotipadas e pejorativas da cultura do outro (THIÉL, 2013). Sendo assim, o estudo é de total relevância no ambiente escolar, pois enfatizou o conhecimento e o reconhecimento histórico de resistência indígena inerentes no cotidiano amazônico.

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA/CESP. Mestre em Ciências da Educação, Universidad Nacional Experimental de Los Llanos Occidentales Ezequiel Zamora U.N.E.L.L.E.Z, francedos@hotmail.com

METODOLOGIA

A obra Ajuricaba: O caudilho das selvas do escritor Márcio Souza foi o objeto de estudo deste trabalho para isso, usou-se na metodologia as estratégias de letramento literário de Cosson (2006), a motivação para a leitura, a introdução, seguida de atividade acompanhada com um objetivo a cumprir, e finalmente a interpretação – entender os aspectos explícitos e implícitos da obra.

Seguindo as estratégias, o primeiro passo foi a motivação para a leitura, realizou-se em trazer para sala de aula uma obra que narra aspectos históricos e conflitos entre indígenas e os portugueses na região do Rio Negro, tendo como destaque a personagem Ajuricaba. Em seguida a introdução a obra, a qual se deu por meio do conhecimento da biografia do autor do livro, o escritor Márcio Souza, amazonense, que faleceu em 2024, fez-se a análise da capa da obra, leitura de imagem para tentar identificar do que se tratava a leitura, estratégia de leitura utilizada por Isabel Solé (1998).

Após a leitura, a interpretação da obra foi realizada com os estudantes, houve uma interação sobre a compreensão de todas as partes da história, após a reflexão, os leitores foram desafiados a fazer uma releitura da obra, por meio de poemas, os alunos colocaram a compreensão do livro no papel, completando a última parte das estratégias, a escrita, citado por Pinto (2011). Em cada etapa teve um tempo para a execução das estratégias de leitura, a fim de obter resultados satisfatórios. Os poemas foram apresentados em Sarau durante a Semana de Letras na Universidade do Estado do Amazonas /CESP, realizada no mês de maio de 2025.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. A LITERATURA E A RESITÊNCIA INDÍGENA

A lei 11.645 de 2008, tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em todas as escolas de ensino fundamental e médio, tanto públicas quanto privadas do Brasil. A finalidade é valorizar e reconhecer a contribuição dos grupos citados para a formação da sociedade brasileira, a fim de combater os preconceitos e promover a diversidade cultural. Tratar-se-á neste trabalho da cultura indígena inserida no ambiente escolar.

A literatura é imprescindível no trabalho em sala de aula, tratar de temáticas indígenas serve para evitar estereótipos, as generalizações, além de promover a compreensão cultural e conhecimento dos saberes indígenas.

A obra escolhida “Ajuricaba: o caudilho da selva” do escritor Márcio Souza, retrata uma versão da história que geralmente não é contada ou não era, pois predominava nos livros mais antigos a visão do colonizador, nos quais colocavam os nativos como secundários, numa tentativa de silenciamento das múltiplas identidades étnicas. Dessa forma, essa visão distorcida dos povos originários perdurou por muito tempo. “a caracterização das representações indígenas calcadas em imagens e adjetivos pejorativos, perpassou o período colonial, adentrou o monárquico e prevaleceu no republicano” (SILVA; COSTA *apud* SIQUEIRA; JUNIOR, 2023, p. 217).

Nesse contexto, o ambiente de ensino exerce a função essencial para reverter essa visão estereotipada sobre os povos originários, visto que, “historicamente, a instituição escolar desempenhou um papel relevante na construção de imagens equivocadas sobre os povos indígenas” (SIQUEIRA; JUNIOR, 2023, p. 218). Sendo assim, a escola tem o dever de desconstruir a visão do colonizador e construir novos olhares a partir dos saberes indígenas.

Para que isso aconteça “A sala de aula de literatura precisa ser valorizada como locus potencial para a transformação dos processos interpretativos de alunos e professores, como espaço de confronto legitimado” (JORDÃO *apud* THIÉL, 2013, p. 1186). Desse modo, ao se trabalhar o texto literário que trata da temática indígena deve ser lido, discutido, contextualizado e argumentado com coerência referente a cultura do povo originário e desconstruir possíveis visões equivocadas, assim a leitura atinge seu propósito.

Assim, conhecer a história indígena pelos trechos das cartas que eram escritas a Portugal, as quais constam na obra do escritor Márcio Souza, que dão veracidade a Ajuricaba como um líder indígena que lutou contra a escravidão, a leitura contextualizada permite uma reflexão sobre a bravura dos povos indígenas, apesar do massacre relatado na obra. “Embora o outro possa conduzir o leitor pelos caminhos de sua interpretação, a leitura depende do leitor e tem sua fundamentação nos contextos político-econômico e/ou histórico-culturais do leitor, o qual constrói sentidos do outro a partir da sua própria identidade e cosmovisão” (THIÉL, 2013, p. 1187).

Assim a literatura indígena² e indigenista³ seguem cumprindo seu papel de repassar conhecimentos sobre os saberes e a cultura. Além de promover o respeito, valorização de sua história e identidade “Considerada um instrumento de resistência, a literatura indígena soma-se às lutas que começam em meados da década de 70, período que marca o surgimento de

² É a literatura escrita por escritores indígenas.

³ É a literatura que trata da temática indígena ou reproduzem narrativas indígenas, no entanto, os escritores não são indígenas.

movimentos e organizações em defesa dos direitos e interesse desses povos” (SAMPAIO; SILVA, 2019, p. 03).

A literatura indígena está ressignificando conceitos, firmando espaço no cenário literário, potencializando sua identidade, além de promover o respeito e conhecimento sobre a cultura. Portanto, é imprescindível que os leitores em formação possam ter contato com a literatura indígena para criar conexões entre os diversos saberes, desconstruir preconceitos e reconhecer a sua identidade cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho com o texto literário iniciou com a leitura da obra *Ajuricaba: O caudilho das selvas* de Márcio Souza, escritor amazonense, o autor não é indígena, no entanto a obra traz trechos das cartas que eram escritas ao rei de Portugal durante o período de colonização na Amazônia, a história se passa no território pertencente ao Grão-Pará e Rio Negro, estado colonial administrado pelo Reino de Portugal.

O autor inicia a narrativa “Invoco aqui a voz da tradição. Ouçam! Ela sussurra nas folhagens da Palmeira Inajá e marulha no igarapé escuro. Ouçam! É ela quem murmura que tudo o que acontece neste nosso mundo um dia será esquecido [...]” (SOUZA, 2023, p. 09). O autor marca o ano do acontecimento “Em 1728, quando estava com 27 anos, Ajuricaba caiu prisioneiro do comandante Belchior Mendes de Moraes. Durante oito anos esse jovem aguerrido dera combate e conquistara extraordinárias vitórias contra os invasores portugueses” (idem, p. 10).

Na narrativa a personagem Ajuricaba rompe com seu pai Huiebene por este firmar uma aliança com os portugueses em 1722, este acordo obrigava os guerreiros manaús a acompanharem as tropas de predadores na captura dos indígenas para serem escravizados em Belém. Com isso Ajuricaba deixa sua aldeia e segue para o alto Rio Negro. No entanto, os portugueses não cumpriram uma parte do acordo, que era não tocar em certas etnias, o pai de Ajuricaba entrou em conflito com os invasores e acabou morto por eles. A partir do conhecimento deste fato Ajuricaba volta e lidera um grupo de guerreiros na luta contra os portugueses.

A personagem líder dos manaús consegue muitas vitórias sobre os portugueses, fato que foi comunicado ao rei de Portugal por João Maria da Gama, governador geral do Pará, segue o trecho do relato: “Um chefe manaú se rebelou... Todas as tribos do Rio Negro, menos

as que estão conosco ou com os missionários, todas elas tornaram-se matadoras de meus vassallos e estão aliadas aos holandeses! [...]" (idem, p. 55-56).

Ajuricaba venceu muitas batalhas com seus homens, mas durante esse confronto, houve também massacre ao povo indígena, "Quando a ousadia de Ajuricaba foi inteiramente reprimida, os cálculos oficiais registraram o desaparecimento de quarenta mil indígenas das mais diversas etnias, considerando ainda a completa dispersão e extinção dos próprios manaús" (SOUZA, 2023, p. 58).

Após o enfraquecimento de seu povo, Ajuricaba foi capturado seria levado a Belém juntamente os outros guerreiros, para cumprir pena ou escravidão, porém surpreendeu os soldados travando uma briga, trecho narrado por Maia da Gama em carta: "Quando Ajuricaba estava vindo como prisioneiro [...] ele e outros homens levantaram-se na canoa [...] e tentaram matar os soldados. Então, Ajuricaba soltou da canoa [...] jamais reapareceu vivo ou morto [...]" (Idem, 2023, p. 59).

O guerreiro desapareceu nas águas do Rio Negro, Márcio Souza termina a narrativa assim de forma poética: "O vale do rio negro, lugar de refúgio e combate, deve ser sempre visto com emoção, mas sobretudo com carinho, porque é a terra do grande Caudilho das selvas" (p. 85).

Esta narrativa histórica foi trabalhada na sala de aula com alunos do 9º ano, com intuito dos estudantes tivessem contato com a literatura amazonense e também conhecessem sobre uma personagem indígena que existiu e resistiu nas terras dos Manaús. Após a leitura e discussão da obra, os estudantes puderam mostrar a compreensão na produção de releitura de poemas sobre o livro de Márcio Souza. As orientações foram repassadas, após a produção os textos foram corrigidos e selecionados para uma apresentação.

Os poemas dos alunos foram declamados em um Sarau na Semana do curso de Letras na Universidade do Estado do Amazonas, deixando o público empolgado com as produções, além de provocar reflexão sobre a temática abordada, os autores das poesias demonstraram domínio do palco, declamando com autonomia os textos. Portanto, o trabalho com a literatura indigenista exaltou a compreensão histórica e a resistência cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura escrita por Márcio Souza é uma obra importante e foi trabalhada no espaço escolar na tentativa de combater preconceitos e estereótipos sobre os povos originários, conhecer de fato a verdadeira história que ocorreu na região do Rio Negro pertencente na época

a comarca da província do Grão-Pará. Dessa forma, as lutas narradas não são histórias fictícias são relatos comprovados por meio de trechos das cartas escritas ao rei de Portugal, as quais evidenciam que houve resistência indígena e que os guerreiros manaús lutaram juntamente com o líder Ajuricaba na tentativa de evitar a escravidão dos povos originários.

A partir dessa compreensão da obra, o trabalho proposto cumpriu seu papel de desconstruir uma história que durante muito tempo foi repassada pelos livros didáticos, na qual houve um descobridor e que os povos indígenas nesse contexto foram passivos e catequizados, pois não tinha nenhuma crença.

Portanto, o trabalho desenvolvido fez cumprir todas etapas propostas pelas estratégias de letramento literário, destarte, as atividades contribuíram significativamente para o fortalecimento da formação leitora e cultural dos estudantes, confirma-se à importância de práticas pedagógicas que aproximam a leitura do cotidiano escolar e incentivam à autonomia criativa dos discentes. Além de refletir sobre a resistência indígena e a valorização da cultura amazônica, os estudantes utilizaram a literatura como forma de expressão crítica e construção de memória. O trabalho reafirma à importância de manter vivas a história e a arte como instrumentos de resistência.

Palavras-chave: Literatura, resistência indígena, Ajuricaba, PIBID.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento Literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

PINTO, Zemaria. **O texto nu** – Teoria da Literatura: gênese, conceitos, aplicação. 2ª edição. Manaus: Editora Valer, 2011.

SAMPAIO, Leila Silvia; SILVA, Rosana Rodrigues da. **Literatura indígena na escola:** A teoria a favor da prática no ensino. Revista Água viva, volume 4, n. 2, maio-ago. 2019.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**, 6ª edição, editora: Penso, 1998.

SOUZA, Márcio. **Ajuricaba:** O caudilho das selvas. 2ª ed. Manaus: Atma, 2020.

SIQUEIRA, Amanda Maria Barbosa; JUNIOR, Arnaldo Martin Szlachta. **Histórias e culturas indígenas na educação básica:** a literatura indígena brasileira contemporânea como fonte histórica na sala de aula. Cadernos de pesquisa do CDHIS, Uberlândia, vol. 36, n.2, jul./dz. 2023.

THIÉL, Janice Cristine. **A Literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013.